

DO MAR MORTO AO BRASIL: HISTÓRIA DAS PUBLICAÇÕES SOBRE OS MANUSCRITOS DE QUMRAN, DOS INÍCIOS A 2003

*Valmor da Silva**

Resumo

Propõe-se, neste artigo, uma apresentação panorâmica das publicações sobre os Manuscritos do Mar Morto no Brasil, dos inícios até o ano de 2003. Tendo como referência os períodos das descobertas, de 1947 a 1999, constata-se que, no Brasil, ao longo destes anos, os conhecimentos giraram em torno a notícias, traduções e escassos estudos. Nos três anos seguintes, entre 2000 e 2003, intensificam-se as notícias em jornais e revistas, publicam-se alguns estudos especializados e são produzidas as primeiras dissertações e teses. O artigo se baseia em estudos da época, e manifesta a homenagem de gratidão ao saudoso Professor Archibald Mulford Hoodruff.

Palavras-chave: *Qumran. Manuscritos. Mar Morto.*

Abstract

It is proposed in this article, an overview presentation of publications on the Dead Sea Scrolls in Brazil, from the beginnings until the year 2003. With reference to the periods of the findings from 1947 to 1999, it appears that in Brazil, over these years, knowledge turned around news, translations, and few studies. Over the next three years, between 2000 and 2003, the news in newspapers and magazines are intensified, some specialized studies published and the first dissertations and theses produced. The article is based on researches from that time and expresses the homage of gratitude to the memory of the late Professor Archibald Mulford Hoodruff.

Keywords: *Qumran manuscripts. Dead Sea Scrolls.*

* Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, Professor da Graduação em Teologia e da Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião da PUC-Goiás. Pesquisador bolsista de pós-doutorado da FAPEG/CAPES, junto à FAJE.

O nome ainda não é uniforme, em nosso país. São chamados textos, rolos, manuscritos ou pergaminhos. Podem ser do Mar Morto, do Deserto de Judá ou de Qumran, com as variantes Qumrã, Qumrâ, Qumrân, Cumrã e Cunrã. Aos poucos, vai se impondo o título Manuscritos do Mar Morto. E a grafia que tem se firmado é a transcrição do original hebraico, Qumran. O mais importante é que vão sendo cada vez mais conhecidos e estudados, para além dos sensacionalistas furos de imprensa. Mais que isso! São integrados aos cursos de Teologia e aos estudos bíblicos. Qualquer que for a sua designação, já foram considerados “a maior descoberta arqueológica de todos os tempos” (CARVALHO, 2002, p. 11).

Periodização das descobertas de Qumran

A conturbada história da publicação dos Manuscritos de Qumran pode ser apresentada, em síntese, em quatro períodos. Essa periodização, com o devido desenvolvimento explicativo, baseia-se em Florentino García Martínez (1995, p. 20-29). A mesma periodização pode ser conferida também em Harry Thomas Frank (1993, p. 3-20).

O primeiro período, de descoberta e drama, vai de 1947 até os anos 1960, e é marcado por excitação, dúvidas e sensacionalismo, além de algumas publicações.

O segundo período, de incubação, estende-se por cerca de três décadas, entre 1960 e 1990, quando os manuscritos desaparecem dos meios de comunicação e passam para as mãos dos especialistas.

O terceiro período, de escândalos, furos e controvérsias, estende-se pelos anos 1990.

O quarto período é de disponibilidade e estudo dos manuscritos.

Como se observa, a descoberta que mais pode contribuir para os estudos bíblicos ficou escondida por praticamente 50 anos. Uma espécie de zelo acadêmico, associada a mistérios e polêmicas, manteve os manuscritos guardados em mãos de poucos especialistas e suas respectivas instituições de pesquisa.

Enquanto isso, no Brasil...

Na América Latina, e especificamente no Brasil, Qumran chegou muito lentamente. Por esses anos todos, a curiosidade do país foi alimentada por traduções de livros estrangeiros. Notícias com caráter sensacionalista, em periódicos de circulação nacional, só raramente passaram a ser divulgadas. Estudos substanciosos sobre o tema, de maneira apropriada, foram surgindo com muita timidez.

Durante o primeiro período, de descoberta e drama dos manuscritos, ou seja, até 1960, praticamente nada se produziu, no Brasil, sobre os Manuscritos do Mar Morto. As traduções de livros estrangeiros giram em torno a meia dúzia.

O segundo período, de incubação dos estudos sobre Qumran, isto é, entre 1960 e 1990, “coincidiu com o tempo em que os(as) biblistas tinham uma forte produção de ‘leituras populares’ e quando houve dificuldades momentâneas para a entrada de publicações estrangeiras no Brasil. No entanto o conhecimento dos manuscritos não desapareceu inteiramente” (WOODRUFF, 1995, p. 66).

Um autor brasileiro escreveu um livro precoce sobre o assunto, que coincide com a passagem do período anterior para este. Seu nome é Jorge Bertolaso Stella (1960).

A obra, pioneira no Brasil, com 64 páginas, é resultado de um curso, no qual é feita uma síntese dos estudos sobre os Manuscritos do Mar Morto. Nessa perspectiva, apresenta desde a história das descobertas até a relação dos vários personagens bíblicos com Qumran, sem deixar de descrever o mosteiro e apresentar os essênios e ebionitas.

O terceiro período, de escândalos, furos e controvérsias, relativo à década de 1990, teve repercussão intensa no Brasil, como, ademais, em todo o mundo.

No início da década de 1990, a polêmica em torno à relação entre os manuscritos e o Novo Testamento atíça a imprensa mundial e, conseqüentemente, a nacional. A novidade parte do seguinte fato: o jesuíta espanhol José O’Callaghan vê nos fragmentos gregos da gruta 7 trechos do Evangelho de Marcos e relaciona outros manuscritos com textos do Novo Testamento. Concretamente, um fragmento de 7Q5 teria algumas letras gregas na mesma sequência de Mc 6,52-53. Nesse caso, Marcos teria sido escrito antes da destruição de Qumran, e bem mais próximo aos eventos narrados. Ocupam-se do assunto jornais, como a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, e revistas como *30 Dias*, traduzida, além de filmes e documentários na televisão.

Essa década de 1990 conhece também diversas traduções de livros estrangeiros, em geral de caráter científico, alguns envolvendo o teor polêmico e sensacionalista do período. As grandes discussões giram em torno a teses alternativas à comunidade essênia, curiosidades sobre o estilo de vida dessa comunidade e, principalmente, relação de Qumran com o Novo Testamento e com os inícios do cristianismo.

Pode-se destacar, a título de exemplo, a coletânea de ensaios da *Biblical Archaeology Review* e da *Bible Review*, reunida pelo presidente da primeira, Hershel Shanks (1993). As várias reedições que o livro alcançou, no Brasil, revelam a sua importância. Em seu conjunto, o livro aborda os mais diversos aspectos, bem como as distintas vertentes teóricas sobre Qumran. Toma como ponto de partida a descoberta e contexto dos achados, discute as teorias sobre o povo que está nas origens dos manuscritos, mostra as intrigas em torno ao pergaminho do Templo, estabelece as relações entre os manuscritos e a Bíblia, os

manuscritos e o cristianismo, os manuscritos e o judaísmo rabínico, apresenta os mistérios em torno ao pergaminho de cobre, discute as dificuldades para reconstruir os fragmentos e conclui com as controvérsias sobre os manuscritos.

Um livro nacional, resultado de uma dissertação de Mestrado, foi escrito pelo brasileiro Gervásio F. Orrú (1993). O autor conta a história dos achados, descreve a comunidade e avalia as relações entre os manuscritos e o Novo Testamento, com as hipóteses sobre João Batista, Jesus, João, Paulo e outros escritores.

Mais relevante, nessa década, foi certamente o fato de o Brasil ter tido acesso aos textos de Qumran em traduções específicas, feitas por editoras nacionais. O primeiro livro traz uma coletânea de textos, com comentários introdutórios, de Jean Pouilly (1992).

No mesmo ano, foi publicada uma antologia mais ampla, do húngaro Geza Vermès (1992). O livro reúne os principais textos, classificando-os em quatro categorias. Os “preceitos”, envolvendo as várias regras da comunidade. “Hinos, liturgias e poesia de sabedoria” são as diversas orações. “Interpretações da Bíblia” reúne textos relacionados com a Bíblia e uma “miscelânea” traz alguns horóscopos. O livro apresenta, também, oportunas introduções.

Uma tradução particularmente interessante, porque traz textos originais e tradução em português, é a versão da obra de Robert Eisenman e Michael Wise (1994). O livro, que, originalmente, provocou a quebra do monopólio sobre os manuscritos mostra, para o público do Brasil, a tradução de cinquenta textos encontrados na gruta 4 de Qumran.

Enfim, aparece a tradução, em português, dos textos coletados e traduzidos por Florentino García Martínez (1995). No dizer do autor, “a tradução mais completa até o momento” (p. 8), portanto, a que reuniu mais manuscritos, até a data de 1992.

Não faltaram comentários e resenhas, ao lado de alguns artigos, em revistas nacionais, tanto acadêmicas como de animação pastoral. Um exemplo é o artigo de Irineu J. Rabuske (1995, p. 305-316). O autor é motivado pelas publicações de obras sensacionalistas em torno ao assunto. Na oportunidade, expõe a história da descoberta dos manuscritos, faz um inventário dos mesmos, discute sobre quem eram os qumranitas e, por fim, direciona o foco sobre Qumran e o Novo Testamento. Conclui com a chamada de atenção sobre a importância dos estudos de Qumran para a compreensão do cristianismo e dos estudos teológicos em geral.

Em síntese, pode-se afirmar que as descobertas do Mar Morto, nos três primeiros períodos, isto é, de 1947 até 1999, chegam timidamente ao Brasil, através de notícias sensacionalistas, traduções de obras estrangeiras e escassos estudos nacionais.

De 2000 a 2003

Ao longo destes três anos, Qumran passa a ocupar, com mais intensidade, os espaços acadêmicos, para além das páginas da grande imprensa. Os artigos de divulgação adquirem maior consistência, e os estudos científicos, no Brasil, começam a gerar produções de nível internacional.

Jornais e revistas

Jornais e revistas sempre tiveram o olho atento sobre as novidades relativas aos Manuscritos do Mar Morto. Nestes anos iniciais da década de 2000, esse olhar se tem aguçado mais intensamente. Uma publicação da revista *Superinteressante*, de 1997, oferecia uma visão global sobre os manuscritos, com ênfase no fato de se tratar dos mais antigos manuscritos bíblicos conhecidos (ARNT, 1997, p. 51-57). A mesma revista volta ao assunto, em 2000, com outro artigo, perscrutando as práticas da comunidade dos essênios (KENSKI; TEIXEIRA, 2000, p. 56-62).

Na revista *Galileu*, em 2002, um artigo apresenta o panorama sobre Qumran, e se concentra no fato de não haver elo entre o cristianismo e os essênios (NÁVARRO, 2002, p. 28-34). O artigo noticia, inclusive, sobre a Igreja Essênia de Jesus Cristo, um grupo brasileiro que se propõe a seguir a doutrina dos essênios, tendo como base “o respeito à natureza, o vegetarianismo estrito e a purificação como caminho para a cura de problemas físicos e espirituais” (p. 34).

A revista *Veja*, no mesmo ano de 2002, dedicou sua entrevista das “páginas amarelas” ao editor-chefe da publicação dos manuscritos, Emanuel Tov (CARVALHO, 2002, p. 11-15). Nela, o entrevistado comenta sobre o término da publicação dos manuscritos, sobre a falta de menções explícitas a Jesus e ao cristianismo e sobre a importância dos manuscritos para a compreensão da Bíblia.

Artigos especializados

As referências a Qumran percorrem o número da revista *Estudos de Religião*, dedicado ao tema “Apocalíptica e as origens cristãs” (NOGUEIRA, 2000). A revista, semestral, que publica pesquisas em religião, é editada pelo Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Os artigos do número 19, aos quais nos referimos aqui, foram produzidos pelo grupo de pesquisa “Estruturas religiosas convergentes do judaísmo e cristianismo do primeiro século”. Há referências a Qumran como fonte, no estudo de José Roberto Cristofani, “A expressão ‘Filho do Homem’ em Daniel” (p. 25-64). Outras referências se encontram na exposição sobre o confronto escatológico, no artigo de Luigi Schiavo: “O mal e suas representações simbólicas” (p. 65-83). Isso mostra a atenção deste centro de estudos para com a literatura

religiosa que ultrapassa os limites do cânon bíblico. Muito ilustrativa, a propósito, além de rica, é o a resenha crítica das publicações dos últimos 30 anos sobre apocalíptica no Brasil, de Archibald M. Woodruff e Paulo Augusto de Souza Nogueira, “Introdução à apocalíptica no Brasil” (p. 227-245).

Mas o destaque aos Manuscritos do Mar Morto é assegurado pelo artigo de José Adriano Filho (2000, p. 45-64).

Trata-se de um artigo monográfico, em diálogo com a literatura específica internacional. O texto em tela, 11Q13, é transcrito em tradução brasileira. Segue-se a análise de seu gênero literário específico, *peshar*, palavra que significa interpretação, e que se aplica à citação de um texto bíblico, seguido de comentário aplicado a determinada realidade, no caso à comunidade de Qumran. O texto 11QMelquisedec parece ter como fio condutor Lv 25, sobre o jubileu. O personagem Melquisedec é introduzido com a atribuição de juiz divino e escatológico. O julgamento, no caso, refere-se ao último e definitivo jubileu, o décimo, caracterizado como uma era de paz e salvação. Melquisedec, portanto, é agente do julgamento divino, mas também um ser celestial. Sua identificação como ser angélico é confirmada pelas citações dos Sl 82 e 7. O julgamento é descrito como luta vitoriosa de Melquisedec com os espíritos angélicos do céu, sobre Belial e os espíritos do seu lote. O dia do julgamento é o dia da salvação anunciada, conforme Is 52,7, onde o mensageiro é “ungido pelo Espírito”. A identificação com o Messias está assegurada pela conexão com Dn 9.

De maneira didática e bem-organizada, José Adriano Filho faz um comentário exegético a todo o texto, depois resume algumas observações. Afirma que: “11QMelquisedec apresenta uma periodização da história na forma de vários jubileus, mas no último deles ocorrerá a libertação escatológica” (p. 62). “Melquisedec é identificado com o jubileu, a expiação, a execução do julgamento divino e um ser celestial exaltado” (p. 62). “A realeza de Melquisedec está implícita no domínio que ele exerce sobre os outros seres celestes e sobre os filhos da luz, mas aparece com maior clareza em suas funções judiciais” (p. 62). Melquisedec exerce um conjunto de funções: “juízo final, expiação pelos homens de sua herança, destruição dos exércitos de Belial na batalha escatológica, restauração da paz eterna, salvação dos eleitos” (p. 63). 11QMelquisedec refere-se ao profeta escatológico esperado (p. 63), qualificado como unguento, ou seja, como messias.

Observe-se que o autor, José Adriano Filho (2001), demonstra sua sensibilidade para com os textos de Qumran em sua tese de doutorado defendida em 2000 e publicada no ano seguinte (2001). Além de considerar outros pseudepígrafos, refere-se aos Manuscritos do Mar Morto com relação à assembleia cáltica celestial (p. 73), à batalha entre Melquisedec e Belial (p. 118) e à figura de Melquisedec (p. 134).

Outro artigo específico foi apresentado no Colóquio Bíblico Lovaniense, em 2002, e publicado no mesmo ano pelo autor Paulo Augusto de Souza Nogueira (2002, p. 72-84).

Artigo monográfico, de temática específica, aborda o curioso tema do êxtase, em diálogo com a literatura internacional. Numa moldura mais ampla, contextualiza o texto específico de Qumran, e aprofunda a sua interpretação, afunilando as conclusões na direção precisa do êxtase comunitário.

O ponto de partida são os textos do Novo Testamento, nos quais se poderia identificar experiências extáticas, tais como Ap 7,9-10 e Hb 12,22-24. Nessas experiências, manifesta-se a prática da ascensão aos céus para cultuar a Deus. Na explicação do autor: “Nossa questão não concerne apenas em documentar um visionário ascendendo aos céus, mas comunidades inteiras que, pressupondo paralelismo entre o culto comunitário e o celeste, criam ascender aos céus e louvar a Deus em transe em seus cultos” (p. 75).

Esse intento é realizado no chamado Hino de Autoexaltação, com duas recensões, A (4Q427 7 I, 4Q 471b e 1 Ha) e B (4Q491c). O hino relata a experiência de alguém elevado ao mundo celestial, em comunhão com os seres daquele mundo. Em seguida, são destacados alguns campos semânticos do hino, através da análise exegética dos textos.

Conforme a primeira conclusão do autor: “O mais importante campo para nossa análise é o que se refere à comunhão com os anjos e a proximidade para com Deus, tema comum às duas recensões” (p. 78). O segundo campo semântico se refere ao “ensino” e “instrução superior”, conforme conclui o autor: “Como o contexto destas expressões referentes ao ‘ensino’ não é de instrução ou de interpretação da Escritura ou da Torá, podemos interpretá-las aqui simplesmente como o conhecimento religioso específico desta seita judaica” (p. 80). Seu terceiro campo semântico reúne as expressões relativas ao sofrimento. Essas não devem ser relacionadas com a biografia do Mestre de Justiça, prossegue o autor: “Mas as expressões de sofrimento podem ser interpretadas com relação à história social de Qumran se as relacionarmos com as poucas, mas expressivas, expressões referentes aos pobres neste hino” (p. 81).

A hipótese do autor é sintetizada nestas palavras: “o Hino de Autoexaltação representa uma experiência de culto comunitário extático que abrange toda a comunidade. Isto pode ser deduzido dos imperativos para louvar e juntar-se à assembleia celestial” (p. 82).

O autor em análise, Paulo Nogueira, mantém constante atenção aos textos pseudepígrafos, especialmente os relacionados com a apocalíptica. Em outro artigo, os textos dos Manuscritos do Mar Morto merecem particular atenção, numa análise sobre a viagem celestial (NOGUEIRA, 1999, p. 45-68).

O mesmo artigo é reeditado como primeiro capítulo de um livro sobre o cristianismo primitivo (NOGUEIRA, 2003). O livro, tratando principalmente sobre o Novo Testamento, não descuida dos textos extrabíblicos, e tem presente também Qumran, sobretudo nos estudos da primeira parte, sobre experiência religiosa cristã primitiva.

Dissertações e teses

Os Manuscritos do Mar Morto começaram a merecer atenção nas dissertações e teses, principalmente as relacionadas com a Bíblia. Vale, como exemplo, a tese de doutorado de Luigi Schiavo (2002).

O autor estuda a fonte Q, isto é, a fonte dos ditos de Jesus. No caso, Q é a abreviatura de *Quelle*, palavra alemã que significa fonte, e não deve ser confundida com Q, abreviatura de Qumran.

A fonte Q é um documento hipotético, espécie de evangelho, que serviu como fonte, ao lado de Marcos, para os sinóticos Mateus e Lucas. Q pode ser considerado o mais antigo documento cristão, redigido entre os anos 40 e 55 de nossa era. O texto que inicia a fonte Q é o que narra as tentações de Jesus (Q 4,1-13).

Na tese de Schiavo, esse é o relato de uma experiência visionária, do gênero viagem para outro mundo. Trata-se do êxtase, no qual a pessoa é transportada, conforme o termo técnico “levado em espírito” para descrever a estranha viagem de Jesus e do diabo. Tudo isso representa, na realidade, o relato da batalha escatológica, o enfrentamento entre o Messias e satanás, dois seres celestiais, em torno à pretensão de dominar a terra.

A figura messiânica de Jesus é elaborada sobre textos paralelos da literatura apocalíptica contemporânea, apócrifa e pseudepígrafa, judaica e cristã. O Messias derrota o adversário, pela força da palavra, e implanta uma nova ética, representada pelo conceito Reino de Deus.

O tema do combate escatológico e da vitória messiânica é comum a outras tradições literárias. No caso das tentações (4Q 4,1-13), a figura messiânica de Jesus é moldada sobre diversas tradições judaicas. Nas tradições de Qumran, que interessam à presente análise, destaca-se a figura de Miguel. Personagem conhecido na literatura judaica, ele marca presença constante na Bíblia e aparece, com a mesma função de combatente divino angelical, no Rolo da Guerra (4QM 13,10), além de outras citações (p. 138-144). Em função semelhante, encontra-se a figura de Melquisedec, como superanjo guerreiro (p. 145-150). Igualmente tradicional na Bíblia e na literatura paralela, ele aparece em Qumran (11QMelquisedec 13). Não menos interessante é a figura do Filho do Homem, típica de Daniel, mas também de outros livros, como 4 Esdras e Henoc (p. 151-156).

Enfim, para seguir a tese de Schiavo, o autor interpreta a batalha escatológica como a batalha pela lei ou interpretação da Torá, no contexto da fonte Q. O conflito real, pela interpretação da lei, tem sua culminância em Jâmnia. Na fonte Q, Jesus é o Messias, o profeta escatológico. Qumran se fecha na liturgia e em sua observância estrita, e, nessa batalha litúrgica, a comunidade acaba na teoria. Na proposta viva da fonte Q, a comunidade se expande para a prática e para a “conquista” do mundo greco-romano.

Outro exemplo de pesquisa original, com relação a Qumran, é a dissertação de mestrado sobre os Cânticos do sacrifício sabático, de Marcelo Eduardo Cunha Smargiasse (2003).

O autor se concentra sobre o complexo da *merkavah*, termo que significa carruagem, e que, no caso, compreende uma coleção de treze textos litúrgicos, de caráter apocalíptico, encontrados em Qumran, nas grutas 4 e 11, e também em Massada. Constitui uma espécie de liturgia angélica, na qual os sacerdotes angelicais são instruídos para o culto do templo celeste. Nessa perspectiva, a descrição dos cânticos se move no âmbito celeste, entre o trono divino e o louvor que os anjos oferecem a Deus.

Após a apresentação dos treze Cânticos, o autor se concentra no décimo segundo canto, sobre o louvor a Deus, com trono e carruagem, o que constitui o chamado misticismo da *merkavah*. Passa à análise de suas matrizes, Ez 1 e Is 6. E conclui com a comparação entre esse Cântico e Ap 4 e 5, demonstrando como as diferenças e semelhanças refletem diferentes leituras dos mesmos textos. Em comum, possuem a mesma estrutura linguística, e refletem as mesmas experiências extáticas.

Mereceria especial destaque a divulgação de Qumran na internet, já nesta época, mas o assunto foge aos limites deste estudo e é suplantado pela vulgarização e por divulgações posteriores a essa época. Vale, entretanto, destacar a página de Airton José da Silva, com informações amplas sobre o assunto, e com vigência posterior (2015).

Para concluir

Qumran, de fato, chegou timidamente ao Brasil. Após 50 anos de descobertas, a produção nacional ainda era pequena. Havia praticamente um único núcleo de pesquisas com atenção voltada aos Manuscritos do Mar Morto.

O interesse das pesquisas, de maneira especial, se voltava para a apocalíptica, em torno à questão do êxtase. O assunto poderia ter sido particularmente interessante para o neopentecostalismo, embora essa conexão não tenha sido explicitada nos estudos. A leitura da Bíblia começava a integrar os Manuscritos do Mar Morto, mas eles ainda não eram lidos numa perspectiva latino-americana.

Não chegou a haver, nesse tempo todo, uma popularização do assunto, nem algum interesse pastoral sobre o mesmo.

Os primeiros passos do longo caminho a ser trilhado mostravam, entretanto, que o futuro seria promissor. O presente número de *Estudos Bíblicos* é uma demonstração do interesse crescente sobre os manuscritos.

Valmor da Silva

Bibliografia utilizada

ADRIANO FILHO, José. Melquisedec, um redentor celestial e juiz escatológico: um estudo de 11QMelquisedec (11Q13). In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Editor). Apocalíptica e as origens cristãs. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 14, n. 19, p. 45-64, 2000.

_____. *Peregrinos neste mundo: simbologia religiosa na Epístola aos Hebreus*. São Bernardo do Campo: Metodista; São Paulo: Loyola, 2001.

ARNT, Ricardo. As primeiras palavras de Deus. *Superinteressante*, São Paulo, Ano 11, n. 4, p. 51-57, abril, 1997.

CARVALHO, Adriana. Espião do passado. *Veja*, São Paulo, Ano 35, n. 15, p. 11-15, 17 de abril, 2002.

EISENMAN, Robert e WISE, Michael. *A descoberta dos manuscritos do Mar Morto: primeira tradução e interpretação completa de cinquenta documentos-chave guardados há mais de 35 anos* (Tradução do inglês, de 1992, por Sieni Maria Campos). Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

FRANK, Harry Thomas. A descoberta dos manuscritos. In: SHANKS, Hershel (Organizador). *Para compreender os manuscritos do Mar Morto* (Tradução do inglês, de 1992, por Laura Rumchinsky). Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 3-20.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran* (Tradução do espanhol, de 1992, por Valmor da Silva). Petrópolis: Vozes, 1995.

KENSKI, Rafael e TEIXEIRA, Duda. A doutrina do deserto. *Superinteressante*, São Paulo, Ano 14, n. 8, p. 56-62, agosto, 2000.

NAVARRO, Roberto. Essênios, elo com Jesus está perdido. *Galileu*, Rio de Janeiro, Ano 11, n. 128, p. 28-34, março, 2002.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Editor). Apocalíptica e as origens cristãs. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 14, n. 19, 2000.

_____. Culto extático no Hino de Autoexaltação (4Q471b, 4Q427, 4Q491c): implicações para a compreensão de um fenômeno cristão primitivo. In: HICHET, Etienne Alfred (Editor). *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 16, n. 22, p. 72-84, 2002.

_____. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. Êxtase visionário e culto no Apocalipse de João: uma análise de Ap 4 e 5 em comparação com viagens celestiais da apocalíptica. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 34, p. 45-68, 1999.

ORRÚ, Gervásio F. *Os manuscritos de Qumran e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

POUILLY, Jean. *Qumrã: Textos escolhidos* (Tradução do francês, de 1987, por Benôni Lemos). São Paulo: Paulinas, 1992.

RABUSKE, Irineu J. Qumran e o Novo Testamento. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 25, n. 108, p. 305-316, 1995.

SCHIAVO, Luigi. *A batalha escatológica na fonte dos ditos de Jesus*. A derrota de satanás na narrativa da tentação (Q 4,1-13). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), 2002. Publicado como: *Anjos e Messias: messianismos judaicos e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SHANKS, Hershel. *Para compreender os manuscritos do Mar Morto* (Tradução do inglês, de 1992, por Laura Rumchinsky). Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SILVA, Airton José da. Os essênios: a racionalização da solidariedade. In: <http://airtonjo.com/site1/essenios.htm> – Acesso em 2003 e em 16/10/2015.

SMARGIASSE, Marcelo Eduardo Cunha. *Os cânticos do sacrifício sabático: Merkavah e liturgia angelical em 4Q405*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003 (Inédita).

STELLA, Jorge Bertolaso. *As descobertas dos papiros do Mar Morto*. São Paulo: Livraria Independente Editora, 1960.

VERMÈS, Geza. *Os manuscritos do Mar Morto* (Tradução do inglês, de 1987, por Júlia Bárany Bartolomei e Maria Helena de Oliveira Tricca). São Paulo: Mercury, 1992.

WOODRUFF, Archibald Mulford. Qumran. In: *Bibliografia Bíblica Latino-Americana* – 1993. Petrópolis: Vozes; São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1995. Vol. 6, p. 65-74.